

ADELINO 4 DEZEMBRO 2003

Este ano de 2003, que agora vai acabando, o eng^o Adelino Amaro da Costa, se continuasse entre nós, em corpo, já estaria no incómodo clube dos sexagenários, continuaria certamente com uma farta cabeleira e óculos fora de moda, escreveria nos jornais, semanários e revistas, manter-se-ia fiel a Antero de Quental como leitura de aperitivo e reflexão constante e aperfeiçoaria o seu espírito no alerta e a sua força de pioneiro no projecto de re-fundação de Portugal , após a aventura do pré comunismo e os demasiados consulados socialistas, que deixaram na opinião pública e publicada, como agora se diz , um irritante complexo de esquerda e uma constituição inacreditável, para uma democracia moderna e civilizada e integrada voluntariamente numa Europa unida .Aliás, constitucionalmente falando, Amaro da Costa estaria á vontade, pois teve a coragem, com os seus companheiros de bancada, de, naquele tempo, naquela hora, naquela lugar e perante um País fervente, votar contra. *Bravo, digo eu.*

Com um século (e um ano !) de diferença, um dia, o 18 de abril , provavelmente chuvoso, mas mês de primavera , viu nascer Antero de Quental, no meio de São Miguel e do Atlântico e Adelino Amaro da Costa, numa engraçada e tradicional casa típica no centro do antigo e pitoresco Algés .

Ambos desapareceram tragicamente á mesma hora de fim de tarde ou princípio de noite, de morte inesperada e brutal, um por vontade própria, o outro por alheia, mas, por ordem peremptória do destino foram-se deixando ficar entre nós, na memória da inteligência , da escrita , da política , da contestação , e sobretudo da excelência .

Tanto o Campo de São Francisco em Ponta Delgada, como uma feia e estreita rua de Camarate , sentiram o tombar do corpo inerte destes dois ilustres portugueses a quem foi ceifada a vida, sem se saber bem porquê.

Em 4 de Dezembro, faz agora 23 anos, foi a vez do nosso Amigo, e por isso aqui estamos, a dizer-lhe que o não esquecemos, que tentamos manter a sua memória perene e que nos continua a fazer a maior das faltas.

Recordo que Amaro da Costa foi o primeiro civil a ocupar a pasta da defesa nacional (a 3 de Janeiro de 1980) após o 25 de Abril, pois esta responsabilidade esteve durante seis anos reservada a militares do activo (Firmino Miguel, Vitor Alves, Silvano Ribeiro e Loureiro dos Santos) e que durante o seu breve mandato ainda o Presidente da República acumulava com a Chefia do Estado Maior General das Forças Armadas e ainda com a presidência daquela excrescência democrática auto denominada Conselho da Revolução. Mas nada indicaria, nem levava a crer, diz quem o acompanhava na altura, que viesse a abraçar a pasta da defesa nacional na sua primeira experiência ministerial, pois nenhum, ou quase nenhum , interesse especial por essas matérias se lhe conhecia, e ao que parece, havia até interesse por outra. Tome-se nota, de rodapé , neste ponto, que Adelino não integrou, sendo ele um dos criadores , o 2^o governo constitucional , PS/CDS, de janeiro a julho de 1978 , preferindo quedar-se pelo largo

do caldas a fazer figas ... e a esperar calmamente, baseado na sua máxima de que nenhum partido nasce vocacionado para a oposição, que a sua magia desse resultado , de forma a ser criada a plataforma que, essa sim, tornou possível a ímpar concepção da aliança democrática, afastando para longe, no tempo , o fatal espectro de um bloco central.

Adelino esteve em funções 11 meses e 1 dia e, mesmo manietado pelos dois órgãos de soberania referidos, conseguiu enviar para aprovação do governo as leis referentes á orgânica do Ministério da Defesa Nacional, serviço militar obrigatório, indústrias de defesa, serviço nacional de protecção civil com o desenvolvimento de novos sistemas de coordenação, a passagem do serviço nacional de ambulâncias (hoje INEM) que estava sob jurisdição da defesa (somente porque tinha um vultoso orçamento ou uma boa rede de comunicações) para o ministério dos assuntos sociais, exportação de material de guerra que passa para a área da defesa, reforço rápido NATO em conjugação com os transportes, autoridade nacional de segurança e a lei de defesa propriamente dita, juntando a tudo isto um desafio a toda a oposição para um debate público sobre o conceito e a razão da Defesa Nacional. E, curiosamente, luta na praça política pelo prestígio dos militares e das forças armadas e, no orçamento de estado assim o prova, propondo a possibilidade de um salto qualitativo importante na qualidade de vida dos seus membros profissionais . E digo curiosamente, porque afinal Adelino, no seu curto consulado, conseguiu muito mais dignidade para os militares do que os pares destes do Conselho de Revolução, que só os minimizaram e desprezaram aos olhos da opinião publica, mal injusto de que, ainda hoje, sofrem. O segundo tenente da reserva naval passeava-se, com respeito naturalmente e com consideração certamente, no meio dos Almirantes, com o á vontade que a sua razão, inteligência e determinação lhe concediam. Também considerava prioritário, e isso era uma novidade no conceito e na forma, a implantação de uma política nacional de bens e serviços de interesse para a defesa. E mesmo o problema mais delicado de todos, que era, e ainda o é, e de impossível abordagem ao tempo, o que focava o redimensionamento das Forças Armadas, na relatividade entre os seus ramos e a ou as vocações de Portugal neste novo contexto e neste novo mundo, foi, reservada mas oportunamente, sendo colocada, embora de forma , não direi temida mas cuidadosa . Ponto esquecido, por muito quente, só agora, 20 anos e não sei quantos Ministros depois, voltou a ser equacionado e após mencionadas as vocações, lógicas e esperadas, que agora só, infelizmente, nos restam.

Como é sabido o general Ramalho Eanes, utilizou o denominado veto de bolso para não promulgar nenhum dos diplomas aprovados pelo legítimo Governo de Portugal, o que originou uma escaramuça política e uma desconfiança que, para além de ter prejudicado seriamente as forças armadas e o prestígio do nosso País, animou imenso aquele maravilhoso ano, até porque, num acto inesperado, devolveu o envelope que previamente, por educação e ética, lhe havia sido enviado.

Paralelamente, na NATO, Amaro da Costa, tornando-se facilmente quase intimo do Secretário Geral , o holandês Joseph Luns, refugiado em Portugal por uns tempos, durante a II guerra mundial , conseguia que a confiança dos nossos parceiros voltasse , autorizando-nos a reintegrar o NPG (nuclear planning group) e a já nele tomar assento de pleno direito na reunião de Bodo na Noruega , defendeu a entrada urgente da Espanha em estatuto pleno ou seja já com a parte militar, que um oficial general português comandasse a área ibero-atlântica e que esta passasse a ter controle operacional e estratégico sobre o arquipélago dos Açores e deixasse de ser Norfolk , e ainda conseguiu o apoio internacional para a compra de 3 fragatas de luta anti-

submarina (hoje as Meko-), e aquando da assembleia atlântica no Funchal, onde se impôs ao explicar a sua interpretação da aliança como uma pomba com garras de falcão e mostrando o exemplo de Portugal , que foi o primeiro país , sem complexos nem medos, a decretar o embargo económico ao Irão , durante o episódio dos reféns americanos. Dizia Adelino, que havia três elementos chave na Aliança Atlântica **-a solidariedade como espírito, a consulta como método e a firmeza como atitude.**
Bem visto, digo eu!

Também na ordem internacional, o que lhe era, aliás muito querido , pois penso que os negócios estrangeiros seriam um desejo muito presente, para além de acompanhar e por vezes ser mesmo iniciador da activa política e intervenção que o País teve, muito se virou, naturalmente nos bastidores, como convinha, para o que se passava nos Países Africanos de Língua Portuguesa, especialmente Angola. Acredito que seria um golpe de inesperada ousadia, que apanharia distraída a comunidade internacional, se Adelino Amaro da Costa tivesse tido tempo de preparar, de aconselhar e de convencer quem de direito da ideia notável que tinha, de ser apresentada á UEDC (união europeia das democracias cristãs) a UNITA como membro observador. Estávamos em 1980, Atenção!

Amaro da Costa, para além disso, compreendeu bem que quando se fala de operações de paz e conflitos de baixa intensidade se tem de pôr em prática as perícias próprias de todas as disciplinas das operações militares, e assim assentou toda a sua experiência, nomeadamente a política, na condução de um Ministério que quase só tinha Ministro, o que foi, para quem se lembre, uma obra de arte.

Sendo um número dois , nunca fez parecer que o seria eternamente , mas também nunca manifestou qualquer sinal, por mínimo que fosse, que queria saltar o trampolim ou mudar de camisola. Mas para além de tudo que fica certamente na história e na memória , onde realmente Adelino mostrou que vale a pena viver , foi no enorme coração que colocou ao serviço dos outros , dos amigos , dos companheiros , dos homens que queriam ser livres e viver com dignidade . O ter atingido , um dia , o poder não o cegou nem o fez virar a cara , antes o predis pôs a usá-lo para ajudar , dar uma mão . uma palavra , um gesto. Melhor não parece fácil.

Dizia Adelino Amaro da Costa que “..... em 25 de Abril de 1974 findava a II Republica, a de um regime mais interessado na autoridade que no povo, mais zeloso do estado que da sociedade , mais proprietário da história que servidor da nação. Começou a III República mas , apesar disso , 1974 marca mais um fim de que um principio, pois não conseguiu ser um inicio adulto de um novo regime. Ficará na história como um regime intercalar, onde alguns tentaram tomar como definitivo o que em democracia sempre será transitório “.

Excelente. Digo eu.

O Engenheiro Amaro da Costa foi um maravilhoso parlamentar e chegou a ser eleito , pelos jornalistas que acompanham e acampam na Assembleia, o melhor do ano .

O Engenheiro Amaro da Costa foi o patrono da Juventude Centrista e nela sempre confiou para o combate de base e de rua , pois é aí que se vê e sente o povo e se faz a rodagem política.

Se eu fosse parlamentar ou jovem democrata cristão nem um só dia esqueceria o Adelino, até porque, certamente precisaria da sua ajuda , lá no sítio onde está e em que acredito. Mas como não sou , nem uma coisa nem ,infelizmente, a outra , vamos ter o prazer de ouvir quem sabe. Primeiro o Presidente da, agora, Juventude Popular e mais á frente o líder da bancada parlamentar do CDS/PP.

Muito obrigado

Manuel Pinto Machado